
FRENTE NEGRA PERNAMBUCANA: VISÃO CRÍTICA SOBRE A AUSÊNCIA DA POPULAÇÃO NEGRA NOS SISTEMAS DE EDUCAÇÃO DÉCADA 1930.¹

Fátima Aparecida Silva²

RESUMO: O trabalho aponta para reflexão dos escritos de um dos fundadores da Frente Negra Pernambucana: José Vicente Rodrigues Lima. As reflexões expressam que as pessoas que participaram do movimento negro: Frente Negra Pernambucana na década de 1930 tinham uma visão crítica sobre a ausência da população negra nos sistemas de educação, defendiam que a falta da instrução escolar era causa principal da inferiorização étnico-racial do negro. Nas ações do movimento negro pernambucano, são reveladas estratégias de atuação, numa luta constante contra a exclusão da população negra na educação. Nesse sentido a educação é pensada como um elemento fundamental para a transformação da realidade.

Palavras-Chave: Educação; Frente Negra Pernambucana; movimento negro.

ABSTRACT: This work points out a reflection on the writings of one of the Pernambucano African Descendant Front founders: José Vicente Rodrigues Lima. These reflections express that the people who participated of the African descendant movement: the Pernambucano African Descendant Front on the 30s had a critical point of view about the absence of African descendants in the educational systems and declared that the lack of school instruction was the main cause of their ethnic-racial demeaning. In the African descendant Pernambucano movement's actions, acting strategies are revealed in a constant struggle against the exclusion of the African descendant people in education. In this sense, education is thought of as a main part towards the transformation of reality.

Keywords: Education; Pernambucano African Descendant Front; African descendant movement.

INTRODUÇÃO

¹ O artigo tem como base a minha tese de doutorado intitulada **Frente Negra Pernambucana e sua proposta de educação para a população negra na ótica de um dos seus fundadores: José Vicente Rodrigues Lima – década de 1930**, realizada no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Ceará com apoio do CNPq, 2008.

² Professora adjunta da Universidade Federal de Pernambuco. (Campus Agreste). Membro do Projeto: Observatório dos Movimentos Sociais UFPE (Campus Agreste). Doutora em Educação pela Universidade Federal do Ceará. E-mail: fasilva2001@yahoo.com.br



Em 1936, é instituída na cidade de Recife, no estado de Pernambuco, a Frente Negra Pernambucana, transformada, em 1937, em Centro de Cultura Afro-Brasileiro. Essa instituição, dentre outras coisas, defendeu a idéia segundo a qual a educação seria uma das principais estratégias para a ascensão social da população negra. Isto é, por meio de instrução formal, seria possível prepará-la para viver na sociedade em igualdade com o branco. O movimento protestava contra a discriminação racial que colocava o negro na posição de “inferioridade”. Sobre o assunto, José Vicente Rodrigues Lima, um dos fundadores da entidade negra, comenta: [...] “iluminando-os com a instrução, derrubamos a convicção de inferioridade e botamos por terra as baixezas e vilania dos preconceitos”. (LIMA, 1937, p. 23).

A proposta da Frente Negra Pernambucana, confrontada com outras unidades da Frente Negra no Brasil ³, não era novidade. Seus preceitos resumiam-se no seguinte lema: “unificar, educar e orientar” a população negra para sair da condição de “inferioridade” a que estava submetida.

Na década de 1930, a ideologia dominante estava voltada para a identificação da nação que se dirigia para o progresso. Como conseqüência, o governador de Pernambuco Agamenon Magalhães, atrelado as políticas do Governo de Getúlio Vargas fundamento nas teorias científicas da época, desenvolve um modelo de sociabilidade, baseado nos princípios de ordem e moralidade, tendo como alvo as formas organizativas da comunidade afrodescendentes.⁴

Dentro deste modelo, várias instituições que atuavam no campo da psiquiatria, da polícia e da moradia atuaram conjuntamente com o Estado, no processo de ordenação social. Tal ordenação foi marcada pela perseguição das pessoas e das comunidades consideradas fora dos padrões sociais. Esse pensamento ideológico tomava como suspeitas as formas organizativas da comunidade que habitava os mangues e freqüentavam religiões de matriz africanas, negros em sua maioria.

³ A Frente Negra Brasileira, organização de massa, foi fundada em 1931, na cidade de São Paulo. Posteriormente, foram fundados vários núcleos da Frente Negra no território nacional, no interior de São Paulo: Frente Negra de Sorocoaba, nos estados: Rio de Janeiro, Minas Gerais, Bahia, Rio Grande do Sul, Pernambuco, Maranhão e Espírito Santo.

⁴ Para compreender melhor as políticas do governo de Agamenon Magalhães e a população negra na década de 1930 consultar: ALMEIDA (2001), CAMPOS (2001), GOMINHO (1997), OLIVEIRA (2007), PADOVAN (2007), PANDOLFI (1984), SILVA (2008) e SOUZA (2006).

Vinculada a tal pensamento está a idéia de que esses espaços vão ser considerados lugar de promiscuidade, onde se contraíam e disseminavam doenças transmitidas pela hereditariedade, consideradas biológica e culturalmente “inferiores”. E é nesse contexto, que Frente Negra Pernambucana propõe e desenvolve estratégias de atuação numa luta constante contra a exclusão da população negra, principalmente no campo educacional, analisar esse aspecto será o foco principal do trabalho.

O texto divide-se em três partes: a primeira discorre sobre aspectos históricos da fundação da Frente Negra Pernambucana, a segunda, analisa de forma sucinta, a proposta de educação defendida pela entidade e, a terceira, considerações finais, tecemos comentários que, entendemos, sejam relevantes.

O MOVIMENTO SOCIAL FRENTE NEGRA PERNAMBUCANA E SUA CONTINUIDADE COMO CENTRO DE CULTURA AFRO-BRASILEIRO EM 1937

Assim está formada em Pernambuco uma associação, não para pedir aos governos uma subvenção para blocos ou clubes carnavalescos, mas para pregar a unificação de todos os negros do Brasil para defesa de seus interesses, a fim de derrubar de uma vez para sempre o complexo de inferioridade e ensinar ao negro brasileiro a ver o homem pelo homem e não pela qualidade, (pela cor da epiderme). (LIMA, 1937, p. 23).

A citação acima é uma preleção de José Vicente Rodrigues Lima, um dos fundadores da Frente Negra Pernambucana, em um estudo de sua autoria, intitulado *O que querem as associações dos elementos de cor e as frentes organizadas no Brasil*. (LIMA, 1937, p 23). Nesse texto, é expressa uma importante tarefa da associação pernambucana *Centro de Cultura Afro-Brasileiro* (entidade surgida em 1937 da transformação da *Frente Negra Pernambucana*): “pregar a unificação dos negros para a defesa de seus interesses” e incentivar a comunidade a se unir para lutar por seus direitos.

Em entrevista dada ao informativo da *Comunidade Negra Pernambucana Djumbay*, em março de 1982, José Vicente, com 81 anos de idade, comenta sobre sua militância na *Frente Negra Pernambucana*:

Minha militância começou pela Frente Negra Pernambucana. O movimento denominado “Frente Negra” surgiu em São Paulo por volta de 1930, e no Recife foi em 1937. [...] O fato marcante da Frente Negra foi a posição que o negro tomou de se defender e lutar não só contra o preconceito, mas sobretudo lutar por uma projeção na sociedade. (DJUMBAY, março, 1982).

Ainda sobre o período de fundação da entidade, José Vicente relata que, “na época, não deixou de haver críticas e censuras da sociedade branca, que alegava não existir preconceito, atribuindo aos negros a realização de um movimento separatista”. (DJUMBAY, março, 1982).

A Escola de samba *Galeria do Ritmo*, no ano de 1979, homenageia o poeta negro Francisco Solano Trindade, também fundador da Frente Negra Pernambucana, através da elaboração de uma apostila contendo depoimentos sobre a vida do poeta. Nesse documento sobre a fundação do movimento, José Vicente Lima registra o seguinte:

Era o ano de 1937, numa rua do Bairro de São José, cinco rapazes, desconhecidos, sem nome sem bafejo de ninguém, em volta de uma mesa forrada com uma toalha branca, fundaram a Frente Negra Pernambucana, co-irmã da Frente Negra Pelotense, com a presença entre nós de Miguel Barros, pintor Gaúcho, conhecido por Barros, “ mulato. (LIMA, 1979).

No ano de 1937, a *Frente Negra Pernambucana* é transformada em Centro de Cultura Afro-Brasileiro (CCAB). Em 1987, em comemoração ao cinquentenário da instituição é elaborada uma cartilha sobre a história da entidade. Na introdução, o presidente Edvaldo Eustáquio Ramos faz referência ora a *Frente Negra Pernambucana* ora ao *Centro de Cultura Afro Brasileiro*:

[...] por trás das breves palavras de reflexão sobre o cinquentenário da Frente Negra Pernambucana, há todo um trabalho de estudo e pesquisa sobre o comportamento do negro brasileiro, e, em especial sobre as raízes do nosso povo, dentro da vivência, em meio aos terreiros dos cultos Afros, das sociedades carnavalescas, do maracatu e do todas as manifestações populares de origem afro, ameríndia e lusa” [...] as Frentes Negras cumpriram uma missão, com o desapertar da consciência. O Centro de Cultura Afro-Brasileiro é esta consciência”. (CARTILHA de divulgação do centenário do Centro de Cultura Afro Brasileiro, p.07, 1987).

Todavia, o que se pode observar a partir da fala de Edvaldo Ramos é que o que está sendo comemorado é o cinqüentenário do *Centro de Cultura Afro-Brasileiro*. Daí a pergunta: qual a razão de se mencionar a *Frente Negra Pernambucana*? O impasse é esclarecido por José Vicente Lima, ao relatar que:

A Frente Negra Pernambucana, transformada no Centro da Cultura Afro-Brasileiro, se projetara junto das outras Associações Coirmãs de todo o País. Se não construímos patrimônio materiais, construímos entretanto um patrimônio muito maior, - Patrimônio Cultural que legamos aos nossos sucessores. Ideal que nos animou nesses 50 anos que hoje aqui se comemora nesta brilhante APOTEOSE” (CARTILHA de divulgação do cinqüentenário do Centro de Cultura Afro Brasileiro, p.10 , 1987) .

Os relatos sobre o movimento negro pernambucano dizem respeito ao fato de que sua fundação foi posterior ao 1º Congresso Afro-Brasileiro, que aconteceu em 1934. Mesmo reconhecendo a importância de Miguel Barros, membro da Frente Negra Pelotense e também fundador da Frente Negra Pernambucana, José Vicente destaca que para não ser confundida com a entidade gaúcha, a *Frente Negra Pernambucana* transforma-se em Centro de Cultura Afro Brasileiro. Sobre o assunto, em 1986, o CCAB (Centro de Cultura Afro Brasileiro), em comemoração do seu cinqüentenário, registra o seguinte:

Numa noite recifense, numa casa do Pátio do Terço, sentados ao redor de uma mesa forrada com a toalha branca”, relembra o Prof. José Vicente, nascia o Centro de Cultura Afro-Brasileira, que naquele momento veio ao mundo com a denominação de “Frente Negra Pernambucana” logo concertada para atual C.C.A.B. para não ser lembrada como uma simples réplica de sua co-irmã gaúcha. Era o orgulho e vaidade pernambucanas que já se faziam presentes naquele momento”.(CARTILHA: Comissão do cinqüentenário do C.C.A.B , 1986, Recife).

Um aspecto importante a ser destacado é que para não ser lembrada “como uma simples réplica”, a *Frente Negra Pernambucana* é transformada em Centro de Cultura Afro Brasileiro. A ênfase demarca a identidade do movimento, expressada pelo “orgulho e vaidade” de ser pernambucana. Entretanto, do ponto de vista ideológico, ao confrontar os objetivos e ações das duas entidades, constatamos muitas aproximações. A presença de

Barros, o “Mulato”, determinou não apenas a elaboração dos objetivos, tendo a Frente Negra Pelotense como modelo, mas também os rumos do movimento. Esse pensamento é compartilhado por Gustavo Augusto Rodrigues de Lima, filho de José Vicente Lima, que em depoimento⁵ relata:

Eu tenho quase que certeza que a Frente Negra Pernambucana não chegou a elaborar um estatuto, o estatuto foi o do Centro de Cultura Afro Brasileiro. A Frente Negra como movimento depois que tomou corpo se consolidou como Centro. Até porque José Vicente nunca falou do estatuto da Frente só como movimento mesmo, inclusive a idéia trazida por Barros de Pelotas, a Frente Negra Pelotense. Ele veio aqui para Recife e em reunião Barros, José Vicente, Gerson Monteiro e Solano fundaram a Frente Negra Pernambucana. (Depoimento 10/08/2007).

Entendemos que ao registrar a historiografia do movimento negro pernambucano com o nome de Centro de Cultura Afro Brasileiro, José Vicente refere-se à *Frente Pernambucana*. Esta nossa conclusão fundamenta-se também em outro relato de Lima:

Não desfalecemos, e, portanto não esmorecemos e a nossa resposta a tudo quanto vimos e ouvimos foi lançarmos o primeiro livro editado pelo então, não mais Frente Negra Pernambucana, mas, Centro de Cultura Afro-Brasileiro, *Xangô*, de nossa autoria”. (LIMA, 1979, p 3).

O livro a que José Vicente se refere, *Xangô*, foi publicado em 1937. Daí podemos concluir que, neste ano, a entidade pernambucana já havia sido transformada. Para nós, este aspecto é muito importante, pois muitos pesquisadores/as dão como encerrada a ação da Frente Negra no Brasil com o fechamento dos partidos políticos por Getúlio Vargas em 1937.

Ainda com relação à transformação da entidade, é razoável admitir que a truculência dos governos de Getúlio Vargas, na Presidência do Brasil e Agamenon Magalhães no governo do estado de Pernambuco, no período da implantação do Estado Novo também interferiu na decisão da transformação da *Frente Negra Pernambucana* em Centro de Cultura Afro-Brasileiro.

⁵ Depoimento concedido para minha tese em 10 de agosto 2007.

Assim sendo, levando em consideração o processo de transformação da *Frente Pernambucana*, analisando que o movimento não encerrou suas atividades em 1937, entendemos que a mudança do nome da entidade faz parte da identidade e peculiaridade histórica e política do movimento que a diferencia de outras Frentes no território brasileiro.

Outro fator relevante é que o Centro de Cultura Afro-Brasileiro, em Recife, é uma entidade que existe até os dias de hoje, tendo como atual presidenta Almerinda Rodrigues de Lima, filha de José Vicente Lima, a Frente Negra Pernambucana que surgiu em 1936 transformou-se e não desapareceu, este aspecto espessa a contemporaneidade do movimento.

A EDUCAÇÃO COMO ESTRATÉGIA DE VALORIZAÇÃO DA POPULAÇÃO NEGRA

Iluminando-os com a instrução, derrubamos a convicção de inferioridade e botamos por terra as baixeiras e vilania dos preconceitos. (Lima, 1937, p.23).

O pensamento supracitado, de autoria de José Vicente Rodrigues Lima, corresponde a um dos objetivos da Frente Negra Pernambucana. Ele aponta que, para combater a ideologia da inferiorização e os preconceitos sofridos pela população negra, era necessário elevar o negro intelectualmente.

Para que tal objetivo fosse alcançado, o movimento negro de Pernambuco vai propor algumas ações. É para discorrer sobre essas ações que o presente capítulo se justifica. Para isso, destacaremos as do campo educacional: “cultivar a memória dos grandes negros do Brasil, instruir a infância negra, facilitar sua educação, pleitear ingressos gratuitos para os estudantes pobres, de cor,⁶ educar a mulher para os embates materiais morais que lhe vêm ao encontro”. (LIMA, 1937, p. 20-21).

Estudos sobre a população negra na década de 1930 no Brasil têm se preocupado em compreender o desejo da população negra de se afirmar socialmente através da educação. Dentre os (as) estudiosos (as) estão Clóvis Moura (1988), Regina Pahin Pinto

⁶ A expressão “pobres de cor” é usada por José Vicente no sentido de denominar a população negra pobre da época.

(1993), Marcelino Felix (2001) e Elisa Larkin Nascimento (2003). Tais pesquisadores (as) sinalizam que a educação (instrução, escolaridade) foi valorizada pelas lideranças das associações negras nas décadas de 20 e 30 do século XX.

As reflexões feitas por esses estudiosos expressam que os movimentos negros da época apontam a deficiência e, até mesmo, a ausência da educação como a causa principal da situação de desigualdade social em que o negro se encontrava.

O aprimoramento educacional fazia parte das estratégias para que o negro brasileiro pudesse ascender socialmente, demonstrando que, pelo acesso ao ensino formal, ele poderia chegar ao mesmo nível dos brancos. (MOURA, 1988, p.205).

No contexto histórico, o movimento negro sempre se preocupou com o acesso da população negra à educação. Nos anos 30, as lideranças da Frente Negra Pernambucana vão, através da temática da educação, denunciar a situação de exclusão social em que se encontra a população negra. Nesse período, a atenção dada à educação se dá, sobretudo, porque acreditavam ser ela um instrumento através do qual o negro pudesse ascender social e intelectualmente.

Nos registros do Centro de Cultura Afro-Brasileiro, a questão da educação e a sua relação com a população negra aparecem como principal meta a ser atingida. A esse respeito, vejamos o que diz Lima:

“Centro de Cultura Afro- Brasileiro”

Sentindo a necessidade de união e de inteligência que se possa representar em todas as esferas sociais, o Afro-Brasileiro, compreendendo o dever de reerguer moralmente a família negra do Brasil, desejando colaborar pelo engrandecimento da Patria Brasileira, apontando a milhares de negros a escola e civismo, um nucleo de idealista resolve fundar o Centro de Cultura Afro-Brasileiro. Temos como principais fins: Cultivar a memoria dos grandes negros do Brasil, instruir a infancia negra, facilitar sua educação, pleitear ingressos gratuitos para os estudantes pobres, de cor, educar a mulher para os embates materiais morais que lhe vêm ao encontro. (LIMA, 1937, p. 20-21).

Nos objetivos da entidade, fica evidente a preocupação dos dirigentes com a educação, razão pela qual pleiteiam, inclusive, a unificação da população negra no intuito de traçar encaminhamentos para as soluções dos problemas educacionais.

Quando a entidade propõe a necessidade da intelectualidade do negro, para “que possa representar em todas as esferas sociais”, está sugerindo a ausência da população negra em espaços sociais ocupados pela população branca. Esta afirmação se concretiza em dados publicados na obra *Xangô*, assinados por Solano Trindade ⁷, secretário geral da entidade:

Profissões:

5 Negros em cada 1000 Médicos

5 Negros em cada 1000 Advogados

10 Negros em cada 1000 Auxiliares no Comércio

30 Negros em cada 1000 Funcionários Públicos

2 Negros em cada 1000 Comerciantes

999 Negros para cada 1000 Domésticos

997 Negros para cada 1000 Trabalhadores de serviços de carga e descarga.

(LIMA, 1937, p. 21).

Para a entidade negra pernambucana, a instrução era entendida como o principal mecanismo que poderia possibilitar aos negros competir no mercado de trabalho. Só através da intelectualização, isto é, da educação, as condições do segmento social negro poderiam ser melhoradas, colocando a população negra em iguais condições na disputa com o grupo racial branco.

No período aqui tratado, esse aspecto é extremamente relevante, uma vez que exigia a participação efetiva da população negra em espaços que lhe haviam sido negados historicamente.

Uma questão importante a ser considerada é o fato de as informações registradas não terem sua origem especificada, a fim de que possamos verificar as fontes. Apesar disso, elas representam a desigualdade da presença nas profissões mencionadas.

⁷ Solano Trindade foi um dos fundadores da Frente Negra Pernambucana.

Os dados sugerem que a entidade, ao defender a intelectualidade da população negra, propõe que esta população tenha acesso à escolarização, de forma a permitir-lhe exercer profissões que naquele momento eram desenvolvidas pela população branca. E também sugerem que, à medida que a população negra tem acesso à educação, aumentará o número de negros nos espaços ocupados historicamente pela população branca.

Com isso, a entidade denuncia que a maioria da população negra não tinha acesso à escola, interferindo na colocação da população negra no mercado de trabalho. Sobre o assunto, comenta Nascimento:

Havia ainda um elemento pedagógico: procurava-se a instrução no intuito de promover maiores possibilidades de sucesso no mundo moderno. Para melhorar o nível de vida, era preciso competir, e para isso impunha-se a necessidade de dominar o instrumental não apenas técnico, como também social, exigidos para o desempenho profissional. (NASCIMENTO, 2003, p. 228).

O Centro de Cultura Afro-Brasileiro defendia, com isto, a idéia de que as mudanças sociais estavam principalmente atreladas ao nível escolar da população negra. Tal afirmação demonstra que, para os militantes da entidade pernambucana, era possível aos negros, através da educação, melhorar suas condições econômicas e sociais.

Ao denunciar a ausência da população negra em certos espaços do mercado de trabalho, os quais exigiam escolaridade, a entidade demonstrava que, naquela sociedade, lugares sociais eram demarcados num processo histórico-social que excluía a população negra.

Quando a entidade conclamava a população negra para lutar pelo direito à educação, sendo esta tida como essencial para a integração e ascensão social dos negros na sociedade brasileira, trazia para os negros a responsabilidade de resolverem por si mesmos o problema da educação. Nesse sentido, lhes impunha a iniciativa de sanar um problema que o Estado brasileiro não tinha resolvido.

Disso, fica patente a idéia de que, para os participantes da entidade, somente a instrução possibilitaria a brancos e negros igualdade de oportunidade. Tendo acesso à

educação, a população negra se integraria social e etnicamente de forma natural na sociedade brasileira.

Verificando tal proposta numa perspectiva mais ampla, é importante destacar a semelhança existente entre as propostas de ações da Frente Negra Pernambucana e as Frentes paulista, gaúcha e baiana. Em todas elas, aparece a preocupação com a instrução, o ingresso da população negra em escolas públicas e a educação voltada para a mulher, tratada na esfera da “moral”.

Os estudos de Regina Pahin Pinto apontam que, nas décadas de 1920 e 1930, a educação era tida como importante para que a população negra alcançasse as mesmas oportunidades que a população branca. Daí que, “recebendo educação, o negro poderia evoluir, integrar-se à vida nacional, combater a miséria em que vivia” (Pinto, 1988, p.235).

Alguns intérpretes da questão analisam a proposta dos movimentos em inserir a população negra no sistema educacional como introjeção dos valores da sociedade dominante, isto é, a aceitação dos valores brancos. Isto implica dizer que, ao propor a inserção do negro no sistema educacional, a consciência política que perpassa o movimento é a integração no negro na sociedade.

Para a pesquisadora Elisa Larkin Nascimento, é evidente o caráter integracionista das propostas de inserção do negro no sistema educacional, o perigo, contudo, é “a identificação nessa fase da luta afro-brasileira de uma “época da inocência” característica do “estágio de submissão”. (Nascimento, 2003, p.239).

Nesse sentido, a pesquisadora, ao analisar aspectos de alguns movimentos negros do período de 1914 a 1937, comenta:

A consciência política afro-brasileira desse período, de caráter integracionista, reagia em primeiro lugar contra o mais emergente aspecto do racismo, a discriminação do negro no mercado de trabalho, no ensino e na sociedade civil, e reivindicava para ele a participação em todos os níveis e aspectos da vida brasileira. Não questionava de forma sistemática as estruturas de dominação econômicas e sócio-culturais mais amplas, nem reclamava de forma direta uma identidade cultural específica afrodescendente.

Contudo, observar esta consciência integracionista não significa reduzi-la à mera e hipotética “introjeção dos valores dominantes”. Não parece sustentar-se nos fatos, por exemplo, a identificação nessa fase da luta afro-brasileira de uma “época da inocência” característica do “estágio de submissão” no processo coletivo de desenvolvimento de identidade” (NASCIMENTO, 2003, p. 239).

Nascimento aponta que, na pesquisa, ao analisar movimentos negros de outras épocas devemos desenvolver o “respeito metodológico à diferença”, colocando-nos no lugar das pessoas que viveram no passado, a fim de compreender o princípio que perpassa pelas intenções por elas propostas, percebendo o período “como um conjunto significativo”. (Nascimento, 2003, p. 239).

Nesse aspecto, queremos avançar no sentido de ir além do entendimento do caráter integracionista das propostas do movimento negro pernambucano referente ao acesso da população negra às escolas e à universidade, procurando compreender o princípio que perpassa por essas reivindicações.

Nascimento aponta especificidades históricas que contextualizam os movimentos negros da década de 1930:

Trata-se do auge da era das políticas de branqueamento baseadas nas teorias científicas da inferioridade inata da raça negra, cuja influência se impunha de forma viva e profunda na sociedade brasileira, sobretudo por meio das políticas públicas assentadas sobre a teoria da eugenia. Solidamente ancorada na produção científica do dia, Nina Rodrigues - reconhecido como maior autoridade sobre o negro - havia identificado no africano a base da inferioridade do povo brasileiro; os antropólogos físicos ainda se ocupavam com a medição de crânios e narinas; os arautos do arianismo anunciavam a incapacidade intelectual e a deformação psicológica, sem falar na degenerescência do mestiço. A nação era conclamada por estadistas, intelectuais e políticos mobilizados em prol do nobre objetivo de “melhorar a raça”, eliminando a “mancha negra” com a maior rapidez, isto é, a maior dedicação possível. Em 1934, quando as multidões da Frente Negra ocupavam as praças, publicava-se a segunda edição de Raça e assimilação de Oliveira Viana, enquanto as teses de Gilberto Freyre estavam apenas começando a sair do prelo. A perspectiva culturalista na antropologia, mal saía do berço, ainda engatinhava - contra uma imensa maré - o princípio da eugenia estava inscrito na Constituição de 1934; prevalecia a esperança de um futuro branco para o Brasil, ou seja a eliminação da raça negra.(NASCIMENTO, 2003, p.239).

Diante da conjuntura histórica e ideológica da inferiorização da população negra, os movimentos negros do período levantam, de forma não submissa, um vigoroso protesto contra o discurso oficial, “solicitando ao branco paternalista a bondade de um favor” (Nascimento, 2003, p. 240). Este aspecto é confirmado nos escritos de José Vicente:

Assim está formada em Pernambuco uma associação, não para pedir aos governos uma subvenção para blocos ou clubes carnavalescos, mas para prégar a unificação de todos os negros do Brasil para defesa de seus interesses, a fim de derrubar de uma vez para sempre o complexo de inferioridade e ensinar ao negro brasileiro a vêr o homem pelo homem e não pela qualidade, (pela cor da epiderme).

Para cooperar em benefício dos irmãos negros em vez de fazer trincheiras com hipócritas sentimentos regionalistas.

Negros, mulatos e brancos, intelectuais do Brazil precisam saber que existem milhares e milhares de negros ainda na roça, ainda empurrando carroças, ainda engraxates, ainda rudes operários de fabricas, carpinas e marcineiros, ainda brutos, ainda inferiores, ainda de chapéu na mão falando tremulo com o Douto...sô Douto ...sô Douto...

Iluminando-os com a instrução, derrubamos a convicção de inferioridade e botamos por terra as baixezas e vilania dos preconceitos. (LIMA, 1937, p. 23).

José Vicente Lima argumenta que, diante do não acesso à educação, milhares de negros desempenhavam funções da sociedade que os colocavam como “inferiores” e “submissos” a quem teve acesso à educação: “o doutor”. Assim sendo, para que esta situação mudasse, isto é, para que a população ascendesse socialmente, ganhasse respeitabilidade e reconhecimento, ficando mais bem credenciada profissionalmente, seria preciso o acesso à educação. Como já foi dito antes, para o militante, a educação assume um papel importante na equiparação do negro ao nível do branco.

Na questão da educação, os militantes da entidade negra não ficavam só na denúncia, na reflexão, mas também atuavam no sentido de reverter a exclusão da população negra na educação. Segundo Lima:

Os Diretores de Centro de Cultura trabalham com denodo, realizando conferencias educativas onde sabem que existe a fina flor da nossa

juventude nos centros de xangô, nos blocos carnavalescos, nas escolas particulares e publicas noturna, procurando apontar aos negros e aos mestiços o civismo e a escola. Pois é preciso acordar nossa mocidade exposta ao cáos da ignorancia. (LIMA, 1937, p. 23).

A partir da citação acima apresentada é expressa uma importante tarefa da associação pernambucana Centro de Cultura Afro-Brasileiro: incentivar a comunidade a se unir para lutar. Ao fazer isso, o Centro de Cultura Afro-Brasileiro revela a função educativa da entidade.

Nas atividades educacionais desenvolvidas pela Frente Negra Pernambucana, destacam-se ações voltadas para a juventude que não tiveram acesso à Educação. Ao que tudo indica, a atuação dos membros do movimento vai se desenvolver nos espaços sociais onde a população negra está concentrada. Isso demonstra que as ações da Frente Negra Pernambucana eram desenvolvidas, de forma sistemática e organizada, envolvendo várias pessoas na implantação de suas atividades.

As ações do movimento negro pernambucano são compatíveis a outras Frentes Negras espalhadas pelo Brasil. Nesse sentido, Nascimento comenta:

Em geral, ação e o discurso dessas organizações e de sua imprensa almejavam alcançar para a coletividade dos ex-escravizados uma participação efetiva na sociedade vigente da qual era excluída. Para isso, a educação destacava-se como meio por excelência e, portanto, o objetivo maior da prática dessas entidades, muitas abriam escolas noturnas. Além de denunciar o “preconceito” e incentivar a comunidade a se unir para lutar contra ele, os periódicos da imprensa negra cumpriam um papel educativo. (NASCIMENTO, 2003, p. 225).

Assim como outras entidades negras da época, a entidade pernambucana se propõe, em primeiro lugar, congrega a população negra chamada naquele momento de “homens de cor”, desenvolvendo o sentimento de solidariedade desta população a favor da educação. Nesse sentido, Lima acredita que o Centro de Cultura Afro-Brasileiro foi fundado por necessidade de união da população negra e também da necessidade de instrução (intelectualidade), para que o negro pudesse estar representado em todas as camadas sociais.

Nesse sentido, a entidade se revela como educativa em primeiro lugar. Nascimento, ao estudar a questão da educação defendida pela Imprensa Negra da mesma época, chega a esta mesma conclusão. (Nascimento, 2003, p. 225)

Sobre o assunto Regina Pahin Pinto comenta:

A educação também era vista como um fator de união, uma condição para que a união se concretizasse, meta sempre perseguida pelo movimento negro, mas, ao mesmo tempo, havia também a percepção de que a elevação educacional do negro seria alcançada mais facilmente pela união. (PINTO, 1993, p. 239).

A preocupação com a educação se expressa em toda a trajetória do movimento, desde a sua fundação, como Frente Negra Pernambucana, como também depois da sua transformação em Centro de Cultura Afro-Brasileiro.

Aliás, quando se dá a mudança do nome da instituição sugere-se haver uma preocupação de caracterizar o movimento como educacional. Ao que nos parece, na expressão “centro de cultura”, é revelada a intenção de vincular a entidade a um conceito de educação mais amplo. É muito importante perceber que, ao mesmo tempo em que defende a educação para a população negra, o movimento denuncia que, no Brasil, esta população está excluída dos espaços educacionais por conta de ser negra, como diz José Vicente Rodrigues Lima, por conta da sua “cor”.

Observa-se que, nesse aspecto e naquele contexto, há uma postura crítica em relação ao negro e à educação. Este aspecto também foi verificado nas pesquisas de Pinto. A esse respeito discorre a pesquisadora:

O negro, entretanto, não se limitou a tratar da educação no nível da preleção, da denúncia e da reivindicação e, a respeito de todas as dificuldades, tomou iniciativas, na tentativa de melhorar o nível educacional e cultural da população negra. Como já foi dito várias associações mantiveram, regularmente, cursos de alfabetização ou de complementação cultural, promoveram, sistematicamente, evento visando a elevar o nível cultural do negro, como a realização de palestras, sessões de declaração de um congresso para discutir a educação negra. (PINTO, 1993, p. 239).

Nas ações do movimento negro pernambucano, são reveladas estratégias de atuação, numa luta constante contra a exclusão da população negra na educação. Nesse sentido a educação é pensada como um elemento fundamental para a transformação da realidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A Frente Negra Pernambucana foi fundada em uma época difícil, em que a maioria dos estudos comungava com a ideologia da inferiorização da população negra, negando a essa população direitos básicos, como educação.

O fator determinante para a fundação da Frente Negra Pernambucana foi o total desamparo vivido pela população negra na época. Seus dirigentes vão defender que o abandono em que se encontra a população negra não é decorrente da inferioridade genética e hereditária dos negros conforme teorias racistas afirmavam na época, mas sim pelo desamparo social vivido por esta população.

Em um período, em que atos discriminatórios figuravam no cotidiano da população negra, além da situação extremamente precária em que viviam os afrodescendentes na cidade de Recife, é de extrema relevância social e política a existência de um movimento com as características da Frente Negra Pernambucana.

REFERÊNCIAS

APOSTILA. **Carnaval é Música, música é ritmo, ritmo é poesia. A Escola de samba Galeria do ritmo homenageia o poeta negro Solano Trindade.** Recife, 1979.

APOSTILA. **Comissão do cinquentenário do C.C.A.B. Arte Negra no Recife é cinquentenário do Centro de Cultura Afro-Brasileiro.** Recife, 1986.

ALMEIDA, Maria das Graças Andrade Ataíde. **A construção da verdade autoritária.** Tese (doutorado). Universidade de São Paulo: Humanitas /FFCH/USP. São Paulo, 2001.

CAMPOS, Zuleica Dantas Pereira. **O Combate ao Catimbó: práticas repressivas às Religiões afro-umbandistas nos anos trinta e quarenta.** 2001, 301f. Tese (Doutorado). Universidade Federal de Pernambuco, Pernambuco, 2001.

CARTILHA. **Centenário do Centro de Cultura Afro-Brasileiro.** Divulgação do Cento de Cultura Afro Brasileiro, Recife 1987.

- DJUMBAY, **Informativo da Comunidade Negra**. Recife, março, 1982.
- GOMINHO, Zélia O. **Veneza Americana X Mucambópolis: O Estado Novo na cidade Recife (década de 30 e 40)**. Dissertação (Mestrado). Centro de Ciência Humanas. Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 1997.
- LIMA, José Vicente. **Xangô**. Vol. I. Recife, PE. Divulgação do Centro de Cultura Afro-Brasileiro. Jornal do Comércio S. A. 1937.
- MOURA, Clóvis. **Sociologia do negro brasileiro**. São Paulo: Editora Ática, 1988.
- NASCIMENTO, Elisa Larkin. **O Sortilégio da cor**. São Paulo: Selo Negro, 2003.
- OLIVEIRA, Rogério de. **Controle e medicalização do “baixo espiritismo” pela psiquiatria pernambucana**. In: Simpósio Nacional de História. Porto Alegre, 2007.
- PANDOLFI, Dulce Chaves. **Pernambuco de Agamenon Magalhães: consolidação e crise de uma elite política**. Recife: Fundação Joaquim Nabuco; Editora Massangana, 1984.
- PADOVAN, Maria Concepta. **As Máscaras da Razão: Memórias da loucura no Recife durante o período do Estado Novo (1937-1945)**. Dissertação (Mestrado). Universidade Federal de Pernambuco, Pernambuco, 2007.
- PINTO, Regina Pahim. **O movimento negro em São Paulo: luta e identidade**. 1993. Tese (Doutorado). Universidade de São Paulo, São Paulo, 1993.
- SILVA, Fátima Aparecida. **Frente Negra Pernambucana e sua proposta de educação para a população negra na ótica de um dos seus fundadores: José Vicente Rodrigues Lima – década de 1930**. Tese (Doutorado). Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2008.
- SOUZA, Bartyra Queiroz. **Perseguição aos catimbozeiros e extinção dos mocambos: representação de suas campanhas na Folha da Manhã**. Monografia - Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2006.